

---

***They don't know about us: uma análise do agendamento e do enquadramento na cobertura por tabloides do ship Larry Stylinson*<sup>1</sup>**

Catarina LOPES<sup>2</sup>  
Prof. Dra. Malu FONTES<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

## RESUMO

Este artigo descreve a cobertura jornalística do *ship* Larry Stylinson, um casal criado por fãs e composto por Harry Styles e Louis Tomlinson, membros da *boyband* One Direction. Foram analisados textos publicados em tabloides, especialmente britânicos, sobre o casal e sua comunidade de fãs, assim como as estratégias narrativas utilizadas. Fruto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido para o curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), este estudo busca, com base nas teorias do agendamento (McCOMBS; SHAW, 1972) e do enquadramento (ENTMAN, 1993), analisar a construção da imagem dos fãs do casal Larry nos tabloides.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo. Cobertura jornalística. Enquadramento. Cultura de fã. Tabloides.

## Introdução

Este artigo analisa a cobertura feita por tabloides de um casal criado por fãs da banda One Direction, também chamado de *ship*, ou seja, casal criado por fãs que torcem para que ele seja real. O casal idealizado é composto por dois membros da *boyband* britânica, Harry Styles e Louis Tomlinson, tendo sido nomeado de “Larry Stylinson”, uma junção do nome dos dois. Desde 2010, o *ship* comumente chamado apenas de “Larry” é um fenômeno em espaços *online*, especialmente aqueles muito utilizados por fãs, como o Twitter, Tumblr e *sites* especializados em *fanfics*, que são histórias criadas por fãs sobre seu objeto de afeto (BRONWEN, 2011; JENKINS, 1992).

O *ship* Larry é um exemplo expressivo da prática de criar casais LGBTQAIP+ com artistas da cultura pop, algo que se popularizou em 2010 e costuma ser praticado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [lopecatarina17@gmail.com](mailto:lopecatarina17@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Adjunta no Curso de Graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Faculdade de Comunicação). E-mail: [maluzes@gmail.com](mailto:maluzes@gmail.com).

---

por fãs *queer*, ou seja, pessoas não heterossexuais e/ou não cisgênero. O costume, no entanto, não é novo: um dos primeiros *ships* da cultura pop era da banda The Beatles, composto por John Lennon e Paul McCartney. A prática de “shippar” teve sua origem junto com o início da cultura de fãs como vemos hoje, marcada pela *beatlemania*.

Porém, o ato de torcer por um *ship* tomou a forma atual com a internet: comunidades de fãs se estabelecem em redes sociais e levam suas práticas com elas. Entretanto, ao contrário da época dos Beatles, esses espaços *online* agora são presentes e também são habitados pelas celebridades. As fãs da One Direction tinham, em 2012, início do auge da banda, a possibilidade de contatar tanto suas amigas quanto os membros da banda *online*, na mesma rede social, e os membros da *boyband* brincavam em entrevistas dizendo que entravam no Tumblr para ler as *fanfics* sobre eles.

Muitas das pessoas que “shippavam” os casais da década passada em comunidades *online* tinham algo em comum: eram membros assumidos da comunidade LGBTQAIP+, ou iriam se descobrir membros desta comunidade na vida adulta. Essas pessoas acabaram virando caricaturas nos tabloides que falavam de Louis e Harry, quando esses veículos perceberam que colocar esse casal em qualquer notícia relacionada à banda atraía a atenção das fãs. Nas matérias, ao falar dessas *shippers*, os tabloides as retratavam como estranhas, excessivamente conspiratórias e até doidas. Isso levou as fãs de Larry a sofrerem ostracismo na comunidade de fãs da One Direction, que tentavam se afastar da imagem que as *shippers* vinham ganhando.

Este trabalho analisa qualitativamente um *corpus* de 15 matérias publicadas nos portais seis matérias do Mirror UK, dois textos no BuzzFeed, uma matéria do E Online, um texto no Queerty, uma matéria do Metro UK, um texto do Inquisitr, uma matéria do Daily Mail e um texto do Heat World com o objetivo de identificar quais são os elementos comuns no discurso jornalístico ao tratar do fenômeno Larry Stylinson e de suas fãs, que eram, em sua maioria, *queer* e adolescentes. As matérias foram escolhidas por cobrirem os principais acontecimentos da banda envolvendo o ship ao longo da última década. Serão usadas como base para essa análise as teorias do agendamento e enquadramento, buscando entender como essas fãs viraram parte da notícia e passaram a ser consideradas relevantes dentro da sua comunidade de fãs, além de como elas foram retratadas pelos jornais. Também pretende-se discutir a repercussão desse discurso no ecossistema das fãs, desde a destruição da ideia de espaços seguros no

---

ambiente *online* até a equação de elementos dessa indústria cultural que é montada de um jeito no qual alguém vai se ferir, de forma que nenhum agente tem controle total das razões que fazem essa ponta sofrer.

### 1. A banda, as fãs e os tabloides

Com mais de 33 mil *fanfictions* sobre eles no *site* Archive of Our Own (AO3), um dos mais populares do gênero, o *ship* Larry Stylinson se mantém entre os dez casais mais populares no *site* desde que os dados começaram a ser analisados e publicados em 2013<sup>4</sup>, com um pico para o quarto lugar da lista e se mantendo estável entre 2014 e 2017. Além disso, foi o casal mais popular do Tumblr em 2015<sup>5</sup>, e um *tweet* de Louis Tomlinson, em que ele declara amar Harry Styles, é o quinto mais *retweetado* da plataforma.<sup>6</sup>

Desde as primeiras aparições da banda, as fãs — aqui tratadas no feminino pois o público da One Direction é, em sua imensa maioria, formado por mulheres — registravam e compilavam cada interação que poderia sugerir uma intimidade física maior que a esperada para uma amizade entre Styles e Tomlinson<sup>7</sup>, os dois membros do casal. Na época do primeiro álbum e turnê, em suas primeiras aparições públicas, os dois ainda brincavam com o *ship*, postando declarações no Twitter<sup>8</sup>. A imagem geral é que a interação dos dois era um “*bromance*”, termo usado na época para descrever amizades próximas entre homens, com apenas uma parcela menor e mais dedicada de fãs que via as interações entre eles como as de um casal romântico. Tal grupo de fãs passou a ser chamado de “*larries*” ou de “*Larry shippers*”.

Esse movimento não passou despercebido pelo jornalismo, especialmente pelo *infotainment*. Esse termo, uma combinação entre *information* (informação) e *entertainment* (entretenimento), surgiu em 1980 nos Estados Unidos (THUSSU, 2015) e

---

<sup>4</sup> AO3 Ship Stats. **Archive of Our Own**, 13 de agosto de 2013, atualizado em 3 de março de 2021. Disponível em: <https://archiveofourown.org/series/1209645>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>5</sup> Tumblr 2015 Year In Review. **Tumblr**. Disponível em: <https://yearinreview.tumblr.com/post/134751774307/most-reblogged-ships>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>6</sup> Most popular tweets on Twitter of all time as of July 2020, by number of retweets (in millions). **Statista**, julho de 2020. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/699462/twitter-most-retweeted-posts-all-time/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://hazzalovesboo.tumblr.com/post/20290668948/evidence-for-larry-sylinson>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://twitter.com/louis\\_tomlinson/status/120620074301267968?lang=en](https://twitter.com/louis_tomlinson/status/120620074301267968?lang=en). Acesso em: 28 abr. 2021.

---

é associado ao processo de “*tabloidization*” (traduzido livremente como “tabloidização”), que pode ser entendido como a mudança de um material que entrega valor ao cidadão para um material com a finalidade de entreter, chocar ou reter espectadores, com valores jornalísticos profissionais sendo deixados de lado em favor de sensacionalismo e da dramatização do trivial (BARNETT, 2011).

Sites como The Mirror, BuzzFeed e Daily Express são exemplos de tabloides focados no *infotainment*, sendo também alguns dos que realizaram a cobertura massiva não só do “casal” Larry, como também das movimentações de adolescentes que torciam para que o casal fosse real ou que os viam como um casal sendo obrigado a se manter escondido. Os tabloides, especificamente britânicos, possuem histórico de atitudes homofóbicas (LOVELOCK, 2018), com uma tendência a publicar discursos antigay, sejam eles explícitos ou mais subjetivos. Além disso, esse tipo de veículo carrega um histórico de misoginia, com objetificação feminina e reprodução de atitudes sexistas (GILL; TOMS, 2019). Isso ajuda a apontar o caminho adotado por eles para o enquadramento das fãs, que são majoritariamente mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

## 2. Análise e discussão das matérias

Foram analisados 15 textos jornalísticos de dez portais diferentes, publicados entre 16 de maio de 2012 e 23 de julho de 2021. Todos eles tratam da *boyband* One Direction e dos membros do grupo, abordando o *ship* Larry Stylinson em algum momento do texto. A análise descreve as matérias de acordo com os critérios sugeridos por Entman (1993) de I) definição de problemas, II) diagnóstico de causas, III) realização de julgamentos morais e IV) sugestão de soluções.

O enquadramento destaca alguns pedaços de informação sobre um determinado assunto em pauta, tornando tais pedaços mais relevantes. A palavra “relevante” precisa ser definida: significa tornar um pedaço de informação mais visível, importante ou memorável para o público. Um aumento de saliência aumenta a probabilidade de que os receptores receberão a informação, processarão a mensagem atribuindo sentido a ela para então guardá-la na memória. [...] O enquadramento, dessa forma, possui 4 funções: definir problemas – definir o que um agente causal está fazendo, com quais custos e benefícios, geralmente mensurado usando valores culturais; diagnosticar causas – identificar as forças que criam o problema; fazer julgamentos morais – avaliar os agentes e seus efeitos; e sugerir soluções – oferecer e justificar tratamentos para os problemas e predizer seus possíveis resultados. Uma única oração textual pode apresentar mais do que uma dessas funções de enquadramento, embora muitas orações não apresentem nenhuma delas em um texto. Além disso, um enquadramento pode não

---

necessariamente incluir todas as quatro funções em um determinado texto. (ENTMAN, 1993; tradução nossa)<sup>9</sup>

Serão propostas reflexões sobre os enquadramentos mobilizados pelos tabloides sobre o *ship* e suas fãs em uma análise exploratória (GIL, 2002), ou seja, com foco na análise de exemplos que incentivem a compreensão, e de viés qualitativo, como conceituado por Strauss e Corbin (2008), por produzir descobertas não obtidas por procedimentos estatísticos ou por meio de quantificação.

Além disso, é levado em consideração o agendamento do *ship* nos tabloides, que é identificado como o principal diferencial de Larry para outros casais criados por fãs na mesma época, como Kaylor (*ship* entre a cantora Taylor Swift e a modelo Karlie Kloss) e Camren (entre as colegas da *girlband* Fifth Harmony, Lauren Jauregui e Camila Cabello). De certa forma, os tabloides elegeram esse tópico da banda como algo de importância para a One Direction, ou seja, algo que deve ser sempre lembrado quando se fala da vida pessoal dos membros. Segundo McCombs e Shaw (1972), a mídia pode elencar o que é importante diante de certo tópico de acordo com a quantidade de informação recebida sobre cada questão. Neste contexto, Larry ser agendado em matérias sobre a One Direction acaba fazendo o tópico, que antes pertencia apenas a um nicho da comunidade de fãs, se transformar em algo mais importante:

Os leitores aprendem a atribuir importância a uma questão não somente com base no assunto tratado, mas também de acordo com a quantidade de informação dada em uma determinada notícia e a posição desta. Ao refletir sobre o que os candidatos dizem durante uma campanha, a mídia de massa pode efetivamente determinar quais são os assuntos importantes – ou seja, a mídia pode definir a “agenda” da campanha. (McCOMBS; SHAW, 1972, p. 176; tradução nossa)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> No original: *"Frames highlight some bits of information about an item that is the subject of a communication, thereby elevating them in salience. The word salience itself needs to be defined: It means making a piece of information more noticeable, meaningful, or memorable to audiences. An increase in salience enhances the probability that receivers will perceive the information, discern meaning and thus process it, and store it in memory. [...] Frames, then, define problems - determine what a causal agent is doing with what costs and benefits, usually measured in terms of common cultural values; diagnose causes - identify the forces creating the problem; make moral judgments - evaluate causal agents and their effects; and suggest remedies - offer and justify treatments for the problems and predict their likely effects. A single sentence may perform more than one of these four framing functions, although many sentences in a text may perform none of them. And a frame in any particular text may not necessarily include all four functions"*.

<sup>10</sup> No original: *"Readers learn not only about a given issue, but also how much importance to attach to that issue from the amount of information in a news story and its position. In reflecting what candidates are saying during a campaign, the mass media may well determine the important issues - that is, the media may set the 'agenda' of the campaign"*.

Durante a análise, feita de forma cronológica, alguns pontos se destacam. Na primeira categoria proposta por Entman (1993), definição de problemas, constantemente se destaca o impacto negativo do ato de “shippar” Larry, passando por queixas de Louis Tomlinson, que acha fazer parte do casal algo degradante em sua vida pessoal, assim como a criação de teorias, como a que sugere que o filho de Louis não existia e era parte de uma tentativa de convencer o mundo que ele e Harry Styles eram heterossexuais<sup>11</sup>. Na categoria diagnóstico de causa, por sua vez, é possível ver as larries como fonte de desinformação sobre o casal, assim como a causa por trás do afastamento público — e aparentemente também privado — entre Tomlinson e Styles.

Figura 1 - Trecho da matéria do Mirror, parte do *corpus*



Na terceira categoria, realização de julgamentos morais, inicialmente vemos as Larry *shippers* como engraçadas e constantemente as coloca no lugar de "outro", estranhas, diferentes do "nós", normais, que concordam com a heterossexualidade assumida de Louis e Harry. Com o passar do tempo, o lugar de “outro” permanece, mas o julgamento fica mais pesado: elas passam a ser retratadas como desagradáveis, conspiratórias, malucas. A quarta categoria, sugestão de soluções, está constantemente ausente: as larries são, portanto, compreendidas como um problema persistente. Nas

<sup>11</sup>

Disponível

em:

<https://www.buzzfeed.com/elliewoodward/theres-a-conspiracy-theory-that-louis-tomlinsons-baby-is-fak>.  
Acesso em: 14 jul. 2021.

---

poucas vezes em que foi identificada, é para solucionar o "problema" de Louis e Harry acabarem incentivando a confusão de parecerem um casal, por aparecerem constantemente em proximidade física em público.

Ou seja, no início, as Larry *shippers* eram vistas como engraçadas, talvez um pouco inconvenientes por tornarem mais difícil encontrar informação sobre a vida pessoal dos membros da banda. No entanto, elas eram, de forma geral, inofensivas e retratadas pelos tabloides britânicos como o “outro”, muitas vezes por serem retratadas como americanas. Porém, após as queixas de Louis Tomlinson descrevendo como os rumores sobre o casal atrapalhavam sua amizade com Harry Styles, as *larries* passaram a ser vistas como estranhas e desagradáveis, uma imagem que se fixou fora do espaço midiático, sendo o modo como são vistas pelo público geral até os dias de hoje, especialmente em comunidades *online* de fãs.

É importante destacar que a imagem das Larry *shippers* como conspiratórias não é totalmente infundada: apesar de não representar a maioria das *larries*, existe sim uma parte do *fandom* que, após as queixas de Louis, adotou uma mentalidade de conspiração (WOOD; DOUGLAS, 2013) sobre o que antes eram apenas teorias de fãs. A teoria defendida por elas é que a agência de comunicação que cuidava da imagem pública da banda era homofóbica e obrigava Louis a negar que era parte de um casal com Harry. Portanto, opor-se a essa narrativa era não só uma forma de apoiar seus ídolos contra o “sistema”, mas uma forma de lutar contra a homofobia – o que era muito importante para muitas jovens que fazia parte da comunidade LGBTQIAP+ ou descobriram-se parte dela após alguns anos. Defender Larry, portanto, era uma como uma forma de ativismo para essas fãs (ROMANO, 2016).

Porém, como a imagem das *larries* solidificada até hoje no imaginário popular foi construída 10 anos atrás, ela ainda carrega valores e julgamentos morais atrasados em uma década. Como é possível que adolescentes que mantinham suas atividades em *posts* no Tumblr e em *sites* de *fanfic* seriam responsáveis por, sozinhas, acabar com uma amizade? Em nenhuma das matérias analisadas, mesmo as mais recentes, foi possível encontrar um *mea culpa* mais direto dos jornalistas dos tabloides que integram o *corpus* por também serem responsáveis por tirar essas teorias dos espaços de fãs e trazê-las para o público geral, consequentemente aumentando a preocupação de Harry e Louis em se manterem afastados publicamente.

Louis e Harry também fazem parte da equação que levou sofrimento tanto para eles quanto para as fãs. As pessoas que fazem parte de um *ship* podem, muitas vezes, ser vistas como autoras daquele texto junto com as *shippers*; mais especificamente, os membros de um *ship* formado por indivíduos, e não personagens, são também autores do texto que os torna um casal por meio de suas brincadeiras e interações públicas (FATHALLAH, 2018). Não existiria um *fandom* de Larry tão forte sem as diversas brincadeiras, toques e quase beijos que os dois davam em público no início da banda. Dentre as matérias analisadas, as mais antigas — datadas desse período — pareciam compreender que a causa dos rumores era essa atitude, o que leva a uma certa autoria da narrativa Larry Stylinson por parte dos dois.

Outro ponto que se destaca na análise é que, apesar de reforçar a heterossexualidade dos membros da banda e de considerar quaisquer teorias que iam de encontro a isso como estranhas, as queixas constantes de Louis sobre o assunto eram vistas com um certo humor. Exemplo disso é uma matéria publicada no portal Queerty em 19 de julho de 2012, que tem como título, em tradução livre, “Louis Tomlinson e Harry Styles, membros da One Direction, e seus rumores gays bobos”<sup>12</sup>.

Figura 2 - Trecho da matéria do Queerty



Além disso, parte da comunidade LGBTQIAP+ via essa dificuldade como supérflua em face do dinheiro e fama, o que também apareceu em matérias de outros veículos, como o site Mirror UK. O tom foi mudando com o tempo, com um reconhecimento de forma indireta, talvez, à validade dessas queixas, que realmente causaram sofrimento para vários envolvidos, tanto aos membros da banda como às fãs. Algo que contribuiu para essa mudança foi o fim da banda pelo hiato indefinido

<sup>12</sup> Disponível em:

<https://www.queerty.com/one-direction-members-louis-tomlinson-and-harry-styles-poo-poo-gay-rumors-20120719>. Acesso em: 14 jul. 2021.

iniciado em 2016, já que os membros da One Direction puderam enfim compartilhar suas vulnerabilidades, como alcoolismo de Liam Payne, e problemas de autoimagem causados pela fama, como relatou Zayn Malik<sup>13</sup>.

Figura 3 - Trecho da matéria do Mirror



O julgamento moral sobre as *larries* também diminuiu com o passar dos anos por parte das matérias analisadas — mesmo que a imagem pública das *Larry shippers* se mantenha, até hoje, tão negativa quanto era há uma década. Essa mudança nos textos pode ser atribuída a dois fatores: o primeiro é que, com o passar do tempo, houve avanços sociais para uma mentalidade mais progressista. Com a popularização do feminismo na metade final da década de 2010 (BANET-WEISER; PORTWOOD-STACER, 2017), passou a existir uma preocupação maior em evitar reproduzir misoginia e homofobia nos textos, mesmo que de forma indireta. O enquadramento oficial das *larries* ficou mais suave, com menos adjetivos negativos sendo usados, mesmo que a relevância do tópico nas matérias jornalísticas ainda levasse à perseguição e sofrimento das *larries* dentro e fora do *fandom* da One Direction.

### 3. Dinâmicas do "cancelamento"

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/one-direction-11-years-feuds-24594669>. Acesso em: 14 jul. 2021.

---

Uma razão para essa suavização no julgamento das *larries* é o medo do “cancelamento” que, como definido por Clark (2020), é uma forma de ter agência sobre uma situação ao escolher tirar atenção e apoio de alguém com valores, ações e falas tão ofensivas que não existe mais a vontade de apoiá-los com dinheiro, tempo e atenção. Os autores podem querer evitar reproduzir homofobia e misoginia por uma questão de valores próprios, claro, mas é provável que o medo de sofrer cancelamento (ataques *online* por não ter um comportamento perfeitamente progressista) ocupe também um espaço de motivação para prestarem atenção ao que dizem e à forma como dizem.

Contudo, a prática do cancelamento já existe há muitos anos: humilhação pública, por exemplo, era utilizada como punição por grande parte das civilizações. Porém, existe um movimento descrito no ensaio “*Trashing: The Dark Side of Sisterhood*”, publicado em 1976 por Jo Freeman, que retrata a atitude de um grupo de perseguir e destruir a reputação de membros deste mesmo grupo.

Ser cancelado quando se é uma celebridade ou um jornalista, ou qualquer tipo de pessoa pública, é cruel; mas o “*trashing*”, precursor do cancelamento atual, consegue ser extremamente cruel por ser mais íntimo: significa ser expulso de um grupo ao qual o indivíduo recorria para conseguir a sensação de comunidade. O ensaio descreve o que ocorria em movimentos feministas da década de 1970. Porém, o paralelo com a perseguição sofrida pelas *Larry shippers* dentro do *fandom* da One Direction é claro, e o sofrimento, como descrito por Freeman, é intenso:

O *trashing* é uma forma particularmente implacável de assassinato de reputação, assemelhando-se ao estupro psicológico. É manipulador, desonesto e excessivo. É frequentemente disfarçado pela retórica do conflito honesto ou encoberto, negando que sequer exista alguma desaprovação. Contudo, isso não é feito para expor desacordos ou resolver diferenças. É feito para desacreditar e destruir. [...] Independentemente dos métodos utilizados, o *trashing* envolve uma violação à integridade de alguém, uma declaração de sua falta de valor e contestação de suas razões. Com efeito, o que se ataca não são as ações ou ideias de alguém, mas a própria pessoa. Tal ataque é realizado ao fazer com que você sinta que sua mera existência é prejudicial ao Movimento, não havendo nada que se possa fazer para mudar isso. Esses sentimentos são reforçados quando você é isolada de suas amigas, à medida em que elas se convencem de que se associar a você seria igualmente prejudicial ao Movimento e a elas mesmas. Qualquer apoio a você iria manchá-las. (FREEMAN, 1976; tradução nossa)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> No original: “*Trashing is a particularly vicious form of character assassination which amounts to psychological rape. It is manipulative, dishonest, and excessive. It is occasionally disguised by the rhetoric of honest conflict, or covered up by denying that any disapproval exists at all. But it is not done to expose disagreements or resolve differences. It is done to disparage and destroy. [...] Whatever*

---

Dentro da comunidade de fãs da One Direction, fãs que não gostavam das Larry *shippers* — por perceberem que elas traziam uma imagem ruim para o *fandom*, sendo alvo de matérias que as retratavam como obsessivas e doidas, e também sendo percebidas dessa forma pelo público geral – praticavam *cyberbullying*, mandando mensagens ameaçadoras para *larries*, vazando informações pessoais destas (prática conhecida como *doxing*), pedindo para que *larries* cometessem suicídio e criando *threads* (fios) no Twitter expondo as Larry *shippers* por seus diversos “crimes”: fetichização, invasão de privacidade e assédio moral. As provas não precisavam ser sérias: um *print* bastava para generalizar todo um grupo e transformar a campanha de *trashing* em ativismo e sinalização da virtude de quem vai contra elas. Afinal, não ir contra as *larries* significava associar-se a elas, uma forma de ser tão ruim quanto elas. Uma *shipper* que fosse parar em um *print* desses perdia amigas, mesmo se as amigas já fossem *larries*; ela seria considerada uma Larry pior do que as outras, e qualquer associação com alguém exposto e perseguido poderia levar a mais perseguição e exposição.

A imagem de que as *larries* são doidas, obsessivas, estranhas e desagradáveis foi reforçada pelas matérias que as citavam na década passada e cimentada no imaginário popular. Contudo, o pior fator é como essa mesma imagem foi aumentada pelas próprias fãs da banda para perseguir e atacar outras jovens. É uma equação em que nenhum dos lados pode ser inteiramente responsabilizado pelo sofrimento de qualquer uma das pontas; porém, as matérias que continham julgamento moral contra as Larry *shippers* ajudaram a causar o sofrimento e exclusão de diversas jovens ao longo dos anos.

Todas as vezes em que um espaço *online* das *larries* é “invadido”, com teorias de fãs sendo expostas ao público em matérias de tabloides, os ataques ganham uma nova força, e as fãs da One Direction sentem a necessidade de se afastar daquele grupo de fãs considerado tóxico, abusivo, fetichista e revoltante, sendo o único jeito de conseguir fazer isso o de tentar convencer o máximo de *larries* a desativarem suas contas no Twitter por meio de “*exposeds*”. A relevância de Larry Stylinson nas matérias de

---

*methods are used, trashing involves a violation of one's integrity, a declaration of one's worthlessness, and an impugning of one's motives. In effect, what is attacked is not one's actions, or one's ideas, but one's self. This attack is accomplished by making you feel that your very existence is inimical to the Movement and that nothing can change this short of ceasing to exist. These feelings are reinforced when you are isolated from your friends as they become convinced that their association with-you is similarly inimical to the Movement and to themselves. Any support of you will taint them".*

---

tabloides reforça a importância percebida das *Larry shippers*, um grupo minoritário no *fandom* da banda, e reforça a importância para o resto do *fandom* de expulsar esse grupo da internet.

Mesmo com a nova preocupação de não reproduzir homofobia e misoginia no discurso jornalístico, assim como a preocupação de levar o sofrimento dos membros da banda a sério, toda vez que Larry aparece em um título de matéria, é provável que algumas fãs do casal estejam sofrendo perseguição dentro de uma comunidade na qual entraram para buscar conforto.

O *trashing* não é destrutivo apenas para os indivíduos envolvidos, servindo também como uma poderosa ferramenta de controle social. As características atacadas tornam-se exemplos que outras mulheres aprendem a não seguir – caso contrário, o mesmo destino cairá sobre elas. Isso não é uma característica peculiar somente do Movimento das Mulheres, ou mesmo das mulheres. O uso de pressão social para induzir conformidade e intolerância a outros indivíduos é endêmico na sociedade americana. (FREEMAN, 1976; tradução nossa)<sup>15</sup>

Portanto, mesmo com explicações virtuosas e progressistas, as fãs da One Direction praticam humilhação e pressão social com as *larries*, um grupo de jovens majoritariamente LGBTQIAP+, para evitar que outras pessoas ajam como elas por medo de também serem humilhadas e perseguidas — uma prática não muito progressista. Além das fãs não *larries* da One Direction, uma versão mais “suave” desse cancelamento é feito com as *larries* em círculos de jovens das gerações *millennial* e *Gen Z* que discutem cultura pop: basta entrar em discussões sobre fãs desagradáveis ou *shippers* “chatas” que as *larries* serão citadas.

Por mais que seja parte da cultura dos tabloides noticiar o sofrimento e o pior momento dos famosos, existe uma certa cobrança para que ele se torne mais humanizado: a perseguição sofrida por Britney Spears em 2007 hoje é duramente criticada (FRAMING BRITNEY SPEARS, 2021), e aos tabloides e *paparazzi* é oferecida a função de promoção dos artistas por meio de aparições combinadas, mais consensuais. Neste aspecto, este trabalho pode ser útil na compreensão da necessidade de um jornalismo mais subjetivo, como ilustrado por Moraes (2019). Segundo a autora,

---

<sup>15</sup> No original: “*Trashing is not only destructive to the individuals involved, but serves as a very powerful tool of social control. The qualities and styles which are attacked become examples other women learn not to follow -- lest the same fate befall them. This is not a characteristic peculiar to the Women's Movement, or even to women. The use of social pressures to induce conformity and intolerance for individuality is endemic to American society*”.

---

tal jornalismo mais subjetivo não deixaria de lado a apuração e a técnica, mas daria espaço para a emoção e para o reconhecimento de como as posições de quem escreve o afetam.

As diversas matérias que colocaram o “outro” como insólito, o que levou às repercussões já discutidas, transformaram o homoerótico e afetivo em exótico, algo estranho a ponto de ser noticiado. Este enquadramento, mesmo que sem a intenção de causar sofrimento, o fez para as outras pontas da equação. Um jornalismo mais subjetivo, talvez, não veria o homoerotismo presente em uma *boyband* e suas fãs como algo tão exótico, podendo oferecer uma saída para essa equação, que se daria não pelo medo do cancelamento, mas pelo reconhecimento do lugar dos autores, que faz com que o *queer* seja visto como diferente, a ponto de fazer parte da notícia.

### Considerações finais

É parte da natureza e forma de existência dos tabloides que os piores momentos de celebridades sejam manchete, doa a quem doer. Porém, é possível notar uma certa exigência de maior ética mesmo por parte dos setores menos éticos da comunicação. No julgamento de custódia de Britney Spears, em 2021, as críticas ao comportamento dos *paparazzi* e dos tabloides eram frequentes (JACOBS, 2021). Em outro exemplo, os tabloides britânicos — entre eles alguns presentes no *corpus* desse trabalho — vêm sendo alvo de críticas constantes por terem reproduzido racismo e misoginia ao tratar de Meghan Markle, esposa do príncipe Harry, colaborando com o mal-estar que fez o casal abandonar a família real (LANDLER, 2021).

Nada é tão fixo ao ponto de ser imutável; para continuar existindo, os tabloides podem precisar alterar suas táticas. Um público mais progressista, que apoia o feminismo e a comunidade LGBTQIAP+, não continuará acompanhando portais que não compartilham desses valores, ou que mantenham a aparência de compartilhar desses valores. Canais de *paparazzi* bem sucedidos atualmente, como o The Hollywood Fix<sup>16</sup>, não são exatamente morais, mas não usam das mesmas táticas de dez anos atrás, como perseguição exacerbada e incentivo à agressão. Ao mesmo tempo, tabloides como o Mirror UK diminuíram o nível de ironia usado ao longo dos anos quando tratam de

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTnFdC5jhEClcYhTn9wo-VQ>. Acesso em 02 jun. 2022.

---

assuntos como *queerness*. Logo, é possível criticar o comportamento dos tabloides e esperar melhorias, uma vez que vemos como os próprios tabloides já não agem da forma com que agiam há dez anos.

Porém, gostaria de destacar que é improdutivo aplicar uma visão maniqueísta da situação, em que a banda e as fãs são vítimas do jornalismo maldoso. Os tabloides não representam o jornalismo como um todo e não são responsáveis sozinhos por todo o sofrimento causado. Novamente, a banda incentivava e era até autora do texto "Larry Stylinson", reforçando o comportamento das *larries* nos meses iniciais, formativos para a identidade da banda. As fãs compartilhavam suas teorias e produções (como *fanfics* e *fanarts*) em espaços que consideravam privados, mas que eram totalmente públicos; afinal, existem formas de criar *blogs* e *sites* que exigem senhas para serem acessados, assim como a opção de restringir o acesso a contas em redes sociais para que a atividade seja vista apenas por quem é autorizado. Ao procurar teorias e *tweets* para as matérias, nenhuma privacidade foi exatamente violada, mesmo que as fãs tenham sentido isso. As mesmas fãs também desconsideraram as expressões de desconforto de Louis Tomlinson, tratando suas queixas públicas como parte de uma conspiração.

Outra observação é que Larry, por ter notoriedade maior que outros *ships* da época, pode ter contribuído para normalizar o homoerótico nas fãs. Em estudo sobre uma cena musical mais específica, *o k-pop*, Oh (2015) identificou que é comum que as fãs das *boybands* coreanas torçam para membros do mesmo grupo serem um casal; hoje, a falta de importância dada a isso pela mídia indica que as *larries* teriam um tratamento diferente atualmente, dez anos depois. Isso é mais tolerado pelas bandas e pelas empresas que as gerenciam do que, por exemplo, quando algum integrante da banda seja descoberto namorando, mesmo que seja um relacionamento heterossexual (AHN, 2019). A comparação entre a One Direction e grandes *boy groups* de *k-pop* é feita com base na observação que, com o vácuo deixado pelo hiatus da 1D na cultura pop, fãs da *boyband* foram migrando para *fandoms* como da banda BTS, que tem o gênero musical e a formação com vários integrantes de personalidades fortes e marcadas.

É necessário também reconhecer as limitações dessa pesquisa, que foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação com Habilitação em Jornalismo: para demonstrar melhor os processos de *cyberbullying* e

---

*doxxing* no *fandom*, seria interessante recolher dados dessas interações nas redes sociais como o Twitter e o Tumblr. Porém, foi escolhido usar o espaço para avaliar como esse tratamento pode estar associado ao enquadramento das matérias. Futuramente, outra possibilidade de pesquisa seria a realização de entrevistas com fãs do *ship* em que elas relatassem suas experiências no *fandom*.

Por fim, destaco que a reprodução da heterossexualidade como norma, assim como o tratamento do que é homo como “outro”, diferente e inédito, foi feita em todas as matérias, mesmo a do portal abertamente LGBTQIAP+ Queerty. Por mais que eu queira acreditar que essa ideia esteja sendo deixada para trás no cesto metafórico de coisas que pertencem à década de 2010, juntamente à perseguição brutal a artistas femininas e os telefones fixos, ainda é possível notar que a mesma visão continua presente até nas matérias mais atuais do *corpus*.

## REFERÊNCIAS

- AHN, J-H. The politics of apology: The ‘Tzuyu Scandal’ and transnational dynamics of K-pop. **International Communication Gazette**. 2019;81(2):158-175. 2019.
- BANET-WEISER, S.; PORTWOOD-STACER, L. The Traffic in Feminism: An Introduction to the Commentary and Criticism on Popular Feminism. **Feminist Media Studies** 17 (5): 884–888. 2017.
- BARNETT, S. **The rise and fall of television journalism**. London, UK: Bloomsbury Academic, 2011.
- BRONWEN, T. What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It? **Storyworlds: A Journal of Narrative Studies**, Vol. 3, pp. 1-24. 2011.
- CLARK, M. DRAG THEM: A brief etymology of so-called “cancel culture.” **Communication and the Public**. 2020;5(3-4):88-92. 2020.
- ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, 43(4), Autumn. 1993.
- FATHALLAH, J. Reading real person fiction as digital fiction: An argument for new perspectives. **Convergence**, 24(6), 568-586. 2018.
- FRAMING BRITNEY SPEARS**. Direção: Samantha Stark. Produzido por Left/Right. Estados Unidos da América, 2021.
- FREEMAN, J. Trashing: The Dark Side of Sisterhood. **Ms. Magazine**, April 1976 issue, pp 49-51, 92-98. 1976

---

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILL, R; TOMS, K. Trending now: Feminism, Postfeminism, Sexism and Misogyny. **Journalism, Gender and Power**. (pp. 97-112). Routledge. 2019.

JACOBS, J. ‘Sorry, Britney’: Media Is Criticized for Past Coverage, and Some Own Up. **The New York Times**, 12 de fevereiro de 2021. Disponível em <https://www.nytimes.com/2021/02/12/arts/music/britney-spears-documentary-media.html>, acesso em 05/06/2022.

JENKINS, H. **Textual Poachers: Television Fans & Participatory Culture**. New York: Routledge, 1992.

LANDLER, M. For Meghan, an Image Rendered in a U.K.-U.S. Split Screen. **The New York Times**, 13 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.nytimes.com/2021/11/13/world/europe/meghan-markle-uk-tabloids.html>, acesso em 05/06/2022.

LOVELOCK, M. Sex, death and austerity: resurgent homophobia in the British tabloid press. **Critical Studies in Media Communication**, 35:3, 225-239, 2018.

MCCOMBS, M; SHAW, D. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **The Public Opinion Quarterly**, vol. 36, no. 2, pp. 176-187. 1972

MORAES, F. Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e mais integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p 204 - 219, jan/jun. 2019.

OH, C. Queering spectatorship in K-pop: The androgynous male dancing body and western female fandom. **The Journal of Fandom Studies**, Volume 3, Number 1, pp. 59-78(20). 2015.

ROMANO, A. Social justice, shipping, and ideology: when fandom becomes a crusade, things get ugly. **Vox**. Disponível em <https://www.vox.com/2016/8/7/11950648/fandom-shipping-social-justice-ideological-warfare>, acesso em 06/06/2022. 2016.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED e BOOKMAQN, 2008.

THUSSU, D.K. Infotainment. **The International Encyclopedia of Political Communication**. G. Mazzoleni (Ed.), 2015.

WOOD, M. J; DOUGLAS, K. M. “What about building 7?” A social psychological study of online discussion of 9/11 conspiracy theories. **Front. Psychol.** 4:409. 2013.